



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

GIOVANNA SAMPAIO FERREIRA

**A POESIA INFANTIL NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: PROPOSTA DE
ATIVIDADES PARA O 6º ANO**

CAJAZEIRAS - PB

2023

GIOVANNA SAMPAIO FERREIRA

**A POESIA INFANTIL NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: PROPOSTA DE
ENSINO PARA O 6º ANO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Unidade Acadêmica de Letras, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras-PB — como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Marcílio Garcia de Queiroga

CAJAZEIRAS - PB

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

F383p	Ferreira, Giovanna Sampaio. A poesia infantil na formação do leitor literário: proposta de atividades para o 6º ano / Giovanna Sampaio Ferreira. – Cajazeiras, 2023. 57f. : il. Color. Bibliografia. Orientador: Prof. Dr. Marcílio Garcia de Queiroga. Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2023. 1. Literatura infantil. 2. Poesia infantil. 3. Formação de leitor. 4. Leitor literário. 5. Criança e literatura. I. Queiroga, Marcílio Garcia de. II. Título.
UFCG/CFP/BS	CDU – 82 -93

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

GIOVANNA SAMPAIO FERREIRA

**A POESIA INFANTIL NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: PROPOSTA
DE ATIVIDADES PARA O 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

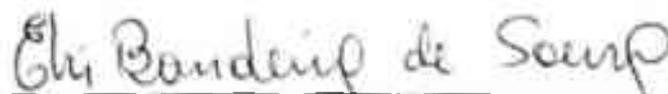
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Letras/Língua
Portuguesa, do Centro de Formação de
Professores, da Universidade Federal de
Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras
- como requisito de avaliação para
obtenção do título de licenciado em
Letras.

Aprovado em: 01/12/23

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Marcilio Garcia de Queiroga
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)



Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 1)



Prof. Dr. Ferdinando de Oliveira Figueiredo
(UPE - Examinador 2)

A Deus, o autor da vida, esta poesia é sem dúvida
a mais formidável;

À minha família que sempre me apoia
incentiva;

A todos os que enxergam a beleza da literatura,

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, o autor e consumidor da minha fé, que primeiro me fez refletir no poder que tem as palavras, sendo Ele mesmo o verbo que se fez carne. Sem a graça do Senhor eu não chegaria até aqui.

Ao meu esposo, que sempre é meu porto seguro quando parece que tudo vai desabar. Você é a poesia mais linda que conheci, e muito me ensina com sua prudência e paciência. Obrigada por ser o pintor que colore as histórias que desenho para nós. Eu te amo.

Aos melhores pais do mundo, meus primeiros professores e os responsáveis pela minha formação leitora. Amo-lhes! Obrigada por todo incentivo e por cuidarem tão bem de mim, vocês me inspiram a ser melhor. Não chegaria até aqui se não fosse por vocês.

As minhas irmãs, as mulheres mais bondosas que conheço, agradeço a vocês que acreditam em meu potencial e me fazem acreditar também.

A minha grande amiga, Josivânia, que conheci na universidade e levei para a vida. Tantas vezes que pensei em olhar para trás e você me puxava para frente. Obrigada por me presentear com a dádiva da sua amizade.

Aos meus queridos amigos, Samara, João Marcos e Maria Lopes, que tomaram minhas dores nos momentos difíceis e celebraram comigo as vitórias. Sou afortunada pela amizade de vocês, e pela fé que vocês edificam em mim.

A meu padrinho e colega de estudos, Anaelson e sua esposa, Narlange. Dividimos tantos momentos incríveis, obrigada por se fazerem presentes em minha vida e pela companhia agradável.

Aos meus líderes, Juscicleudo e Verônica, que sempre atizam a sede pelo conhecimento, vocês são exemplos de que “Tudo é possível ao que crê” (Marcos 9.23).

Ao meu professor e orientador Marcílio Garcia, que aceitou o desafio de ser meu orientador sem mesmo me conhecer. E mesmo após conhecer, me inspirou com seus entusiasmos pelo universo literário infantojuvenil. Admiro-lhe muito.

Agradeço aos meus alunos que me motivam a buscar a melhor versão de mim enquanto profissional. Vocês são a garantia de que estou no caminho certo.

Por fim, agradeço a todos os que contribuíram de alguma forma para que eu chegasse até aqui. Encerro essa jornada na certeza de que apesar dos desafios, ser educadora é uma missão nobre e fundamental, e me orgulho de fazer parte dessa missão. Deixo registrada a minha sincera gratidão.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo abordar o gênero poesia infantil como ferramenta na formação do leitor literário. Tem o propósito de esclarecer o viés histórico do conceito de infância e a relação entre criança, literatura e a escola. Além disso, esta pesquisa traz análise das características do gênero poesia e dos benefícios que se têm em seu estudo na sala de aula. Por fim, será apresentada uma sequência didática baseada em Cosson (2009) voltada aos alunos do 6º do ensino fundamental II utilizando algumas formas poéticas. Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico e qualitativo, fundamentado em Coelho (2000), Pinheiro (2007), Bordini (1991), Sorrentini (2009), Gregorin Filho (2009), dentre outros estudiosos da área, que tiveram uma grande contribuição para a realização deste trabalho. A pesquisa encontra no gênero poesia infantil diversas concepções que o fazem uma eficiente ferramenta na formação leitora de crianças.

Palavras-chave: Poesia infantil. Criança. Literatura. Escola.

ABSTRACT

This research aims to address the children's poetry genre as a tool in the formation of literary readers. Its purpose is to clarify the historical bias of the concept of childhood and the relationship between children, literature and school. Furthermore, this research presents an analysis of the characteristics of the poetry genre and the benefits of studying it in the classroom. Finally, a didactic sequence based on Cosson (2009) will be presented external to 6th grade students using some poetic forms. This is a bibliographical and qualitative research, based on Coelho (2000), Pinheiro (2007), Bordini (1991), Sorrentini (2009), Gregorin Filho (2009), among other scholars in the area, who had a great contribution to the completion of this work. The research finds in the children's poetry genre several concepts that make it an efficient tool in training children as readers.

Keywords: Children's poetry. Child. Literature. School.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Dinâmica de advinha da cantiga “Se essa rua fosse minha”.....	35
Figura 2	- Dinâmica de advinha da cantiga “Atirei o pau no gato”.....	35
Figura 3	- Dinâmica de advinha da cantiga “Borboletinha”.....	35
Figura 4	- Poesia visual “Canção para ninar gato com insônia” de Sérgio Capparelli...	44
Figura 5	- Poesia visual “Jacaré letrado” de Sérgio Capparelli.....	45
Figura 6	- Poesia visual “ a primavera endoideceu” de Sérgio Capparelli.....	46
Figura 7	- Poesia visual “falta de sorte” de Sérgio Capparelli.....	47
Figura 8	- Poesia visual “Urgente” de Sérgio Capparelli.....	48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A RELAÇÃO ENTRE INFÂNCIA, ESCOLA E LITERATURA INFANTIL	12
2.1 O CONCEITO DE INFÂNCIA NO SÉCULO XVIII	12
2.2 AS DIFERENTES FASES DO LEITOR	13
2.3 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA	15
2.4 A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO	17
3 A POESIA INFANTIL NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO.....	21
3.1 A POESIA TRADICIONAL E A POESIA CONTEMPORÂNEA	21
3.2 APROFUNDANDO OS CONHECIMENTOS DA POESIA INFANTIL CONTEMPORÂNEA	24
3.3 CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS CONTRIBUIÇÕES DA POESIA INFANTIL NO AMBIENTE ESCOLAR	27
4 PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM POESIA INFANTIL.....	32
4.1 SEQUÊNCIA DIDÁTICA	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

A poesia infantil é um gênero literário de linguagem lúdica, interativa e divertida que está presente no cotidiano das crianças, mesmo que elas não percebam. O jogo de palavras, as figuras de linguagem, a plurissignificação da poesia, são só alguns recursos que podem ser explorados pelos alunos de forma dinâmica e atrativa, além disso, a poesia é um excelente objeto de estudo para introduzir a formação de leitores literários.

Por este motivo e por sermos simpatizantes das práticas de leitura resolvemos desenvolver uma pesquisa que aborde a literatura de poesia infantil e sua importância na formação de leitores literários, principalmente na perspectiva de incluir algumas formas poéticas nas estratégias de ensino de língua portuguesa que podem ser utilizadas em sala de aula de maneira contextualizada.

A leitura é uma prática de suma importância no desenvolvimento cognitivo das pessoas, além de proporcionar a aquisição de novos conhecimentos, desenvolve o senso crítico e a criatividade dos indivíduos. Contudo, com base nas nossas experiências enquanto professor de língua portuguesa, notamos que tem sido cada vez mais desafiador trabalhar a literatura na escola. Isso porque muitos alunos são indiferentes à prática de leitura.

Trabalhar o eixo da leitura dependerá além de tudo, a escolha de textos adequados e envolventes para despertar o interesse pela leitura. A poesia infantil pode ser uma alternativa eficaz para o incentivo a esse hábito, uma vez que envolve um conjunto de elementos que podem proporcionar sensações, emoções e memórias afetivas, estimular a curiosidade e o apreço pela leitura literária. O gênero poesia envolve ritmo, musicalidade, rimas e sentimentos e ocupa parte significativa da cultura aguçando assim o imagético, a linguagem e a sociabilidade dos estudantes.

Apesar do maior acervo literário que temos em relação aos séculos passados, muitos professores ainda insistem em modelos canônicos, são textos que por sua vez, afastam mais do que aproximam o aluno do hábito de ler. A leitura tem como uma de suas características proporcionar ao leitor a aquisição de informações, culturas e acesso a diversas formas religiosas ou ritualísticas de diferentes sociedades e povos. Em outras palavras, permite ter conhecimento não só da sua realidade, mas da sociedade que o cerca.

Levando em consideração que o estudo de língua portuguesa pode ser feito além da norma padrão da língua, a poesia infantil pode ser utilizada como uma estratégia para compreendermos outros aspectos da língua, como o ritmo, a rima, as figuras de linguagem e as diversas atribuições de sentidos. A poesia através da plurissignificação coloca em evidência

o senso crítico, a partir das leituras individuais, e a sociabilidade por meio das discussões dos alunos, esse processo auxilia no preparo do educando para os mais diversos espaços sociais e adequações das multilinguagens sociais.

É preciso entender que os alunos estão em processo de formação e que o educador deve conduzi-lo a hábito de ler. Todavia, a questão é: Como podemos formar leitores literários na infância?

Levantamos a hipótese, de que o gênero poesia infantil é um gênero ideal para que se possa formar leitores literários infantis por todas as características lúdicas que são frequentes no gênero e por ser um gênero que está presente no cotidiano das pessoas.

Esta pesquisa se justifica por trazer reflexões acerca da poesia infantil como estratégia à formação do leitor literário no ambiente escolar, contribuindo para que professores e universitários que estão sendo preparados para as salas de aulas e que se preocupam com a formação de leitores que na maioria das vezes acontece nas escolas, percebam a poesia infantil como instrumento para iniciar o processo de formar leitores através das ricas características do gênero.

Neste sentido, definimos como objetivo geral da presente pesquisa: Propôr a poesia infantil como instrumento na formação de leitores literários, e para alcançarmos este objetivo, definimos os seguintes objetivos específicos: descrever o conceito de infância no século XVIII; discutir as características da poesia infantil e suas contribuições na sala de aula e propor uma sequência didática como proposta de ensino para o 6º ano que contemple a importância da poesia infantil para o ensino de língua portuguesa.

A pesquisa se classifica como bibliográfica, visto que, de acordo com Prodanov (2013), a pesquisa bibliográfica é construída a partir de ideias antes publicadas, livros, teses, artigos e outros materiais que apresentam uma teoria acerca do que aqui é refletido. E com abordagem qualitativa, pois de acordo com Prodanov (2013, p. 70) “a pesquisa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”.

Para a base teórica desta pesquisa, elencamos alguns teóricos que abordam a temática, como: Coelho (2000), Pinheiro (2007), Bordini (1991), Sorrentini (2009), Gregorin Filho (2009) e outros que apresentam discussões essenciais para o desenvolvimento de estudo que se alarga a respeito do estudo da poesia infantil.

A presente pesquisa está organizada da seguinte forma: o primeiro capítulo busca descrever e pontuar as considerações iniciais, bem como os objetivos, justificativa e a problemática, juntamente com as hipóteses que guiam este estudo.

No segundo capítulo, apresentamos um breve histórico do conceito de infância e das fases do leitor, pontuando a relação entre literatura, escola e formação do leitor literário.

O terceiro capítulo descreve a poesia infantil e as características desse gênero que são essenciais na formação de leitores na escola, compreendendo a poesia em dois momentos: tradicional e contemporânea, aprofundando-se na poesia contemporânea.

O último capítulo dispõe de uma proposta de ensino para o 6º ano do Ensino Fundamental II, baseada no modelo de Cosson (2009) contendo uma sequência didática básica como estratégia de ensino que insere o gênero poesia infantil na sala de aula e, por fim, as considerações finais em que tecemos nossos comentários sobre os resultados alcançados.

2 A RELAÇÃO ENTRE INFÂNCIA, ESCOLA E LITERATURA INFANTIL

2.1 O CONCEITO DE INFÂNCIA NO SÉCULO XVIII

A infância é uma fase da vida marcada pelas aprendizagens e desenvolvimentos. O sentimento que se tem em relação à criança foi moldado ao longo dos séculos para aquilo que conhecemos hoje como infância. Isso quer dizer que nem sempre a criança foi vista como um indivíduo em formação.

Esse conceito começou a ser consolidado apenas no século XVIII, antes disso não havia uma distinção entre o adulto e a criança, isso é possível de perceber nas pinturas e registros históricos. As crianças eram retratadas com traços semelhantes aos de um adulto, porém em tamanho menor. De acordo com Ariès (1981 *apud* Peres 1995, p. 21), comumente a criança que não fosse mais tão dependente da mãe ou das amas, nas famílias mais abastadas e já fosse introduzida ao universo adulto. No entanto, já na Idade Média e próximo ao Renascimento, percebe-se que, embora o conceito de criança/infância não esteja consolidado, a separação já começa a se delinear.

Diante desta nítida separação entre os universos tais como conhecemos hoje e a noção de criança da Idade Média, conclui-se que não existiam profissionais e produtos voltados para este público, tal qual possuímos hoje: médicos especializados, jogos direcionados às crianças e tampouco livros/literatura infantil.

Segundo Gregorin Filho (2009):

A literatura veiculada para adultos e crianças era extamente a mesma, já que esses universos não eram distinguidos por faixa etária ou etapa de amadurecimento psicológico, mas separados de maneira até drástica em função da classe social. (Gregorin Filho 2009, p. 38-39):

Contudo, na segunda metade do século XVIII, novas classes sociais emergiam, as sociedades se desenvolviam à medida que eram industrializadas na Europa. Isso contribuiu para que novos pensamentos fossem tomando espaço na sociedade, Segundo Peres (1999) pensamentos esses em que a infância passava a ser percebida como uma fase a ser resguardada e regulada.

Resguardar a infância significa doutriná-la aos padrões estabelecidos pelas instituições família e igreja, com o intuito de manter a “inocência” das crianças, enquanto que o

adestramento remete à preparação para a vida adulta.

Essa preparação parte principalmente da escola, é o que diz Ariès (1981). A escola foi a quarentena que separava a criança do adulto, o enclausuramento, chamado de escolarização (Ariès, 1981, p. 11 *apud* Peres, 1995, p. 27). Contudo, as concepções de família também foram se modificando ao passo que o “aperfeiçoamento” da criança era estabelecido na escola.

Peres (1995, p. 25-26) afirma que:

À medida que aumenta a importância dada à criança, cresce a preocupação com a intimidade da vida familiar, emergindo, ao lado do sentimento religioso, o sentimento de família, que se toma "célula social" e "fundamento do poder monárquico". Se antes era comum o pai colocar o filho (ou a filha), aos sete anos, na casa de outra família, para fazer o serviço pesado e se educar através da aprendizagem direta, agora a escola vai se tomar esse instrumento de iniciação social. Isoladas de uma sociedade “suja”, a fim de ter sua inocência preservada, as crianças recebem muito mais atenção de seus pais.

Percebemos que o conceito de infância só começa a se esboçar na Idade Moderna e só se consolida com a Revolução Industrial na Europa. Socialmente o termo infância vai sendo repensando à medida que a sociedade também surge com novidades, novos ideais vão surgindo. E assim como a infância, a literatura também começa a ser adaptada para o novo público que surge.

2.2 AS DIFERENTES FASES DO LEITOR

Diante das mudanças que começam a ocorrer no século XVIII a respeito do conceito de infância, a literatura para esse público começa a emergir num cenário em que a burguesia europeia impulsiona a sociedade para o processo de industrialização. Os livros, vistos como mercadorias passam a ser pensados e adaptados, também, para o novo público.

Muitas das obras clássicas hoje popularmente conhecidas, a princípio pertenciam ou eram populares no universo adulto. Essas obras vão sendo adaptadas na maioria das vezes para atender a necessidades pedagógicas da formação de leitores. Mas sem deixar de lado o caráter moralizante, um dos principais traços da literatura infantil até parte da segunda metade do século XX.

Segundo Gregorin Filho (2009 p. 39), “nessa sociedade, sedenta de novidades e

movida pelo poder econômico, começa-se a fazer adaptações de clássicos da literatura”. Perrault e a Condessa de Ségur são exemplos de autores que produziam contos com o intuito de educar, embora, no caso de Perrault o foco inicial não tenham sido as crianças.

Coelho (2000) afirma que até pouco tempo, a literatura infantil fosse encarada pelos adultos como algo pueril ou útil. Em outras palavras, a literatura para crianças era vista apenas com o intuito de entreter ou atrelada diretamente à aprendizagem. Com isso, podemos concluir que a literatura para as crianças começa a surgir, mas ainda não de forma totalmente pensada para o destinatário.

Essa visão utilitarista da literatura permeia até o século XX, e segundo Coelho (2000) um novo caminho passa a ser aberto através da psicologia experimental, que tomando a inteligência como elemento estruturador, destaca os diferentes estágios do desenvolvimento, e revela que esses estágios estão ligadas à idade dos indivíduos.

Com esse conhecimento, as noções de fases vão sendo mudadas, e sendo reconhecida a necessidade de adequar a literatura para o público infantil, respeitando a fase e a maturação de cada estágio.

Para que se torne efetiva a formação do leitor na fase da infância, Coelho (2000), baseando-se na psicologia do desenvolvimento, sugere alguns princípios que orientam a escolha de livros para cada categoria de leitor, dividindo-os em cinco categorias.

Inicialmente, temos o pré-leitor, essa categoria abrange duas fases: a primeira infância que vai dos 15/17 meses aos 3 anos de idade e a segunda infância que se caracteriza a partir dos 2/3 anos de idade. Na primeira fase, a criança está em período de descoberta da realidade. Suas associações partem do tato e do contato afetivo. É nessa fase que a criança passa a nomear as realidades que a cercam, e associa o mundo natural ao que está em descoberta. É importante a mediação dos pais na escolha de objetos e materiais resistentes que se relacionem a essa cultura que a criança está descobrindo.

Na segunda infância, o leitor está desenvolvendo os primeiros passos da autonomia. É nesse momento que ela começa a se dar conta do próprio ser. O interesse pelo aprofundamento da comunicação verbal começa a ser intensificado, essa fase de descoberta faz com que a criança se interesse por tudo que está acontecendo ao seu redor. Predominam os valores sensoriais.

Em seguida, temos a segunda categoria: a do leitor iniciante, que se dá a partir do 6/7 anos de idade. Nessa fase, espera-se que a criança já reconheça os signos do alfabeto e a formação das sílabas simples e complexas. Aqui o adulto deve atuar, como nomeia Coelho (2000, p.35) como “agente estimulador”, ou seja, estimular as descobertas que iniciam o

mundo da escrita, assim como vibrar com as vitórias do leitor. Nesse momento, no livro infantil ainda deve prevalecer a imagem sobre o texto, o tom de humor, o estímulo da imaginação, inteligência, afetividade, a emoção e o pensar, sentir, querer. Além disso, Coelho (2000) recomenda que os livros tenham uma narrativa linear (começo, meio e fim) e que os personagens, sejam eles reais ou simbólicos, representem de fato traços comportamentais e de caráter nítidos.

A terceira categoria é a do leitor-em-processo, caracterizada pela idade que vai a partir do 8/9 anos de idade. Aqui a criança já domina os mecanismos de leitura, o pensamento começa a ser concretizado em organizações lógicas e o interesse e a curiosidade são ávidos por desafios, Coelho (2000) sugere que os livros para leitores dessa fase tenham: a presença de imagens dialogando com os textos, textos escritos em frases simples, uma situação central em que a narrativa será gerada em torno dela, obediência ao esquema linear (começo, meio e fim) e o humor.

Na quarta categoria temos o leitor fluente, a partir do 10/11 anos de idade, fase em que há a consolidação dos mecanismos de leitura e de compreensão, uma vez que a capacidade de concentração aumenta, desenvolve-se o pensamento dedutivo. Nessa fase algumas características são consideráveis para esse período: as imagens já não se fazem tão necessárias apesar de ainda serem atrativas, há um interesse maior pelos personagens “heróis”, a linguagem tende a ser mais elaborada, o caráter aventureiro, a presença do maravilhoso e mágico.

A quinta e última categoria, é a do leitor crítico. Essa fase se consolida a partir dos 12/13 anos de idade, e aqui há o total domínio da leitura, da escrita e uma maior capacidade de reflexão. Os leitores dessa categoria empenham-se na leitura de mundo e na consciência crítica. Segundo Coelho (2000, p. 40): “o convívio do leitor crítico com o texto literário deve extrapolar a mera fruição de prazer ou emoção e deve provocá-lo para penetrar no *mecanismo da leitura*”.

2.3 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA

Para iniciar a discussão sobre a literatura infantil e a escola, é preciso esclarecer primeiro o que se entende por literatura infantil. Para isto, Coelho (2000, p. 27) concebe: Literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o

imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização...”.

Nesse sentido, a literatura é vista sob um olhar que vai além do pedagógico. A expressão da arte se manifesta feita para crianças. Isso não quer dizer que só as crianças podem se deleitar dessa arte. Acerca disso Gregorin filho (2009, p. 15) declara:

O que se percebe é a existência de uma literatura que pode ser chamada de infantil apenas no nível de manifestação textual, isto é, no nível do texto em que o leitor entra em contato com as personagens, tempo, espaço, entre outros tipos de texto que circulam na sociedade, como a literatura para adultos e o texto jornalístico, por exemplo. Isso também parece bastante claro, pois os valores discutidos na literatura para crianças são valores humanos, construídos através da longa caminhada humana pela história, e não valores que circulam apenas no universo infantil das sociedades contemporâneas.

Partindo destes pressupostos, a literatura infantil concebe ao leitor lançar asas da imaginação fugindo da realidade que conhece, ou mesmo conhecer as narrativas que permeiam o real de forma lúdica e dinâmica. Não só isso, mas também como um suporte no desenvolvimento cognitivo e social da criança.

Para Coelho (2000) a literatura infantil, tem o papel de atuar como formadora de consciência do mundo infantil. Para tanto, é importante compreender que a relação entre leitor/literatura deve ser uma prática agradável e não apenas uma prática de “leitura” que Martins (2006) entende como decodificação.

O convívio da pessoa com o texto literário atua como agente de formação para as crianças. “É ao livro, a palavra escrita que atribuímos a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo de crianças e dos jovens” (Coelho, 2000, p. 15). Seja por meio da modalidade oral ou escrita, é por meio da literatura que se tem registros das tradições culturais que antecedem as gerações.

De acordo com Martins (2006) a leitura se realiza por meio do reconhecimento das vivências do leitor. A leitura é assimilada particularmente por meio da própria historicidade, seus conhecimentos prévios de mundo no qual são fundamentados os seus valores sociais. Nisso, a escola tem o papel de estreitar a relação entre o universo literário e particular de cada criança para que se consiga engajar o processo de evolução inerente à formação do ser enquanto indivíduo participante de uma sociedade.

Acerca das concepções de leitura, Martins (2006) compreende o ato de ler como um processo de relação individual carregado de conhecimentos prévios em que o leitor dá sentido aos signos linguísticos. Por isso, não basta simplesmente entregar um livro a criança e esperar que esta se deleite no universo literário. Há um complexo processo envolvido nesse ato que

emerge das atribuições de sentidos que o leitor fará ao ler o texto. Isso se dá de maneira individual e particular.

O interessante é buscar por uma construção de sentidos intermediados pelo professor e as diversas compreensões que os colegas inferem a partir de um mesmo texto. “A função do ensino literário pode definir-se também como a ação de ensinar o que fazer para entender um corpus de obras cada vez mais amplo e complexo” (Colomer, 2007, p. 45). Compreende-se então que o papel da escola é fazer os alunos entenderem o que estão analisando.

Ainda segundo Colomer (2007, p. 27), “texto literário ostenta a capacidade de reconfigurar a atividade humana e oferece instrumentos para compreendê-la, posto que, ao verbalizá-la, cria um espaço específico no qual se constroem e negociam os valores e o sistema estético de uma cultura”.

O aprendizado literário, portanto, se dá individualmente e coletivamente e se relacionam por meio dos múltiplos sentidos.

Sabemos que o hábito da leitura não é limitado ao ambiente escolar, mas é geralmente lá onde ocorre o primeiro contato do aluno com a leitura, uma vez que o hábito de ler colabora com o desenvolvimento intelectual e do senso crítico. Segundo Martins (2006, p. 25), “a leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo”. É por isso que desde o período em que os alunos começam as junções silábicas até o momento em que concluem o nível médio, a leitura está presente nas salas de aula, seja nos livros didáticos, nas bibliotecas ou nos projetos de leitura.

A influência da leitura literária na sala de aula visa ao desenvolvimento da linguagem e o enriquecimento comunicativo dos alunos e também a aprendizagem de conhecimentos e informações, por isso é importante que haja diversidade nas temáticas dos livros como também uma leitura adequada para a formação do leitor literário.

2.4 A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

A escola recebe alunos de diferentes culturas e vivências e tem o objetivo de formar indivíduos aptos para se adequarem às mais diversas situações sociais e transformar as esferas sociais. O aluno deve aprender a interpretar, decifrar e absorver os símbolos linguísticos e é por meio da leitura que a escola incentiva o desenvolvimento de tais competências.

Construir sentidos, desenvolver a criticidade e a criatividade, interpretar, associar

culturas, ter conhecimentos históricos, todas essas competências almeçadas para um indivíduo em formação são fortalecidas na escola por meio da leitura.

Conforme Gregorin filho (2009) utilizar a literatura como instrumento de informação desenvolve no indivíduo a capacidade de argumentar e interagir melhor com a sociedade em que vive. É importante, portanto, selecionar com atenção os livros que serão apresentados às crianças no período escolar.

Mesmo antes de chegar à escola, a criança tem conhecimentos prévios e vivências que fazem parte de sua história e pode associar e construir os sentidos com base no que já é de seu conhecimento quando está em contato com a leitura. O professor, neste caso, trabalha como mediador no processo, seja abrindo margens para outros conhecimentos, seja trazendo novas informações ou promovendo a interação da turma para compartilhar outras perspectivas.

Deve se atentar ao que Martins (2006) concebe como os três tipos de leitura, a sensorial, emocional e racional. Cada uma delas desperta no sujeito sensações. A sensorial desperta o lúdico, os sentidos que agradam ou desagradam, a leitura emocional é aquela que afeta as emoções e sentimentos que traz memórias afetivas e o imagético e, por último, a leitura racional, esta é responsável por processar as informações recebidas e fazer associações com as próprias vivências atribuindo significados.

Quando o aluno tem o primeiro contato com a literatura na escola por intermédio de um professor, geralmente é a leitura racional que se busca efetuar, a ação, na construção de sentidos e relação com as próprias experiências do aluno, principalmente quando se tem o texto como base para estudo de gramática, redação ou explorar outra área.

Apesar disso, todos os tipos de leitura que a autora apresenta estão envolvidos no ato de ler, e as sensações que despertam é o que conduz a continuidade dessa atividade. Por exemplo, a leitura sensorial que desperta os sentidos é concretizada ao toque na capa, nas folhas do livro, nas imagens que apresentam. Já a leitura emocional é percebida nas memórias que desperta, nos sentimentos que o leitor é conduzido a viver, nas emoções encontradas nas imagens e no decorrer da história e que quase sempre os marca com uma memória afetiva ou repulsiva.

O compromisso com o objetivo da aprendizagem não deve excluir o prazer de consumir o ato de ler. A escola pode levar o aluno a ler, mas não torná-lo um leitor se não compreender que a leitura é um processo afetivo e social. É importante que o livro apresentado à criança seja adequado à faixa etária, e mais importante ainda, à maturidade que o aluno tem.

Livros muitos extensos com uma linguagem formal talvez não atraiam o aluno e

afastem-no do objetivo que se quer alcançar. A literatura infantil se caracteriza justamente pela preocupação que se tem de alcançar o público-alvo com todos os artifícios presentes na obra adequados às competências do leitor, isto é, a estrutura que interessa à faixa etária e ao mesmo tempo o desafio a viver e desbravar as páginas do livro.

É claro que não se deve subestimar esse público. A literatura escrita para as crianças é por vezes desvalorizada por ser considerada uma literatura “fácil”, segundo Coelho (2000) por muito tempo foi vista como “pueril” ou um instrumento apenas pedagógico conduzido como pretexto, sem levar em consideração as descobertas inerentes à sociedade e, a complexidade envolvida no ato da leitura.

O universo infantil conduzido por meio dessa experiência leitora é de uma complexidade tal que coloca as crianças diante das realidades culturais e sociais existentes, os admitindo como seres sociais e capazes de desenvolverem um olhar empático para outras realidades, como se por meio da literatura, o leitor se libertasse de uma bolha que o envolve.

Por meio das obras literárias as crianças se emocionam, criam vínculos afetivos que as conscientizam dos valores e vivências sociais e estimula o modo de ver o que está ao seu redor e constroem sentido baseado em suas próprias experiências, além de aguçar a criatividade, o fantasioso e imagético que despertam a autonomia e a individualidade. Outro ponto importante que os autores de obras infantis e juvenis têm se preocupado cada vez mais para contribuição na formação do leitor é envolver obras diversificadas no cotidiano que abordem diversas culturas e questões sociais e que tragam representatividade para todas as crianças.

Oliveira (2023), autora de livros infantojuvenis que abordam principalmente questões étnico-raciais, relata isso em uma entrevista feita pela Fundação Tide Setuba, ao ser questionada sobre se a literatura com representatividade negra tem relevância para a autoestima e autoimagem da criança negra:

A criança perceber o valor do livro, com uma história bem contada e relacionada com a vivência e a experiência dela, é algo fantástico para mim. Ela poderá relacionar questões vividas por ela, com uma determinada narrativa, e se identificar com a história em questão. Além disso, ela poderá ampliar o universo e repertório de práticas, ações e respostas para situações pelas quais esteja passando (Fundação Tide Setuba, 2023).¹

¹ Disponível em: https://fundacaotidesetubal.org.br/entrevista-com-kiusam-de-oliveira/?gclid=CjwKCAjw8ZKmAiwAspcJ7pp5LxJfL0zxEl2qk4VKYoJgEwBzqCGlxUdDvX3Mc_lxvsKSgRQ9thoCrCMQAvD_BwE. Acesso em: 17 nov. 2023.

A escolha de obras que atraíam as crianças para o universo literário deve despertar o interesse em causas que protagonizem a sua voz, isto quer dizer, que o façam se sentir representados com aquela leitura, mas também tragam a conscientização das causas sociais defendidas na sociedade.

Concomitantemente as crianças são contempladas com literaturas que induzem caráter de juízo e moral. Tendo superado em grande parte o teor moralista da literatura do século XX, muitos autores buscam fazer o contato entre o universo adulto e infantil, tendo os livros como ferramentas para apresentar o universo do adulto sob uma ótica que respeite a maturidade do leitor. Uma vez que a literatura denuncia reflexos da sociedade na qual se insere trazendo distorções e hiperboles de como acontecem, é também a oportunidade de trazer mudanças, dar visibilidade às classes à margem da sociedade que por vezes são esquecidas. Um bom exemplo disso é a poesia slam, que reflete vivências da periferia, da violência contra a mulher, do machismo e a representatividade das minorias. Muitas crianças são atraídas pelo estilo livre de declamações e com isso, esse estilo de poesia também ganha espaço nas redes sociais em versos escritos.

As redes sociais são outro grande aliado na formação do leitor literário, por mais que se pense que seja um vilão, que afasta a criança do prazer de ler. A literatura, seja para fins didáticos ou artísticos revela a sociedade e não exclui os gêneros midiáticos como meio de veiculação, é o que considera Gregorin Filho (2012):

Há que se mencionar que a internet trouxe, nos últimos anos, uma centena de sites destinados a crianças e jovens com propostas para promover sua interação com o universo das narrativas, além de o universo cyber incrementar a adaptação de obras tradicionais, como os contos de fada e os contos maravilhosos. (GREGORIN FILHO 2012, P.25)

Afinal, com a globalização as pessoas que têm acesso à internet têm muito mais facilidade de encontrar trabalhos diversos, por exemplo, o acesso a poesias, contos, gibis, tirinhas, quadrinhos e HQ's que são muito divulgados através das redes sociais e que trazem a tona temas atuais do cotidiano.

Podemos considerar que “Com essa atividade, a criança pode descobrir que a literatura é veiculada em diferentes suportes textuais, construindo à medida que a sociedade amplia as suas potencialidades tecnológicas” (Gregorin Filho, 2009, p. 83). Através das redes de computadores as crianças podem se deliciar com diversos textos literários, além disso, os professores podem se utilizar desse veículo como um instrumento para conectarem-se a seus alunos. Não é atoa que muitos escritores mantêm páginas na internet e conseguem

alcançar as crianças que estão cada vez mais imersas no mundo digital.

3 A POESIA INFANTIL NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

3.1 A POESIA TRADICIONAL E A POESIA CONTEMPORÂNEA

Para Sorrenti (2007) Poesia é como nomeamos genericamente o gênero lírico, comumente usado também para designar a produção poética, por sua vez poema é o nome que damos a um compilado de versos em uma composição textual. Podemos por exemplo encontrar poesia em textos que não são escritos em versos. Assim, poesia se refere ao caráter encantador e subjetivo que desperta emoções no leitor.

Nos versos do poema “Paixão”, de Adélia Prado (2016) se pode notar a poesia como uma forma de expressar aquilo que é implícito, que pode passar despercebida naturalmente aos olhos uma vez que se refere a uma “maneira de enxergar”. Para Lyra (1986, p. 6) uma “substância imaterial”: /De vez em quando Deus me tira a poesia./ Olho pedra, vejo pedra mesmo.

É comum, no entanto que os dois termos se confundam, e sejam usados como sinônimo do outro, Sorrenti (2007, p. 61), afirma que: “as crianças não fazem distinção entre poema e poesia, sendo dispensável exigir isso delas. Até entre os adolescentes e os adultos são comuns o uso dos dois termos como sinônimos”.

O fato é que a poesia pode despertar inúmeras sensações, emoções e reflexões no leitor, sejam elas agradáveis ou desagradáveis, o que eventualmente infere-se que se as sensações se divergem é porque um interpretará o texto com base em suas próprias vivências e experiências de mundo.

Não é diferente com as crianças. Apesar de que se voltando para o histórico da poesia destinada para crianças nos é revelado que, por muito tempo se pensou que a poesia para crianças consistia apenas em fazer adaptações do mundo adulto para o “pequeno mundo”, deixando as interpretações pessoais de lado. Segundo Sorrenti (2007, p. 23), a poesia tradicional “[...] pretendia levar a criança a aprender algo para ser imitado depois”.

Literatura desse tipo para criança se limitava a fragmentos de obras ou adaptações com linguagem simplificada de caráter moralizante. Segundo Bordini (1991) com a abordagem tradicional assume-se que a criança não possa discernir as palavras e seus significados no texto compreendendo apenas o uso coloquial e mais simplificado. A autora destaca três momentos importantes da poesia infantil: primeiro, o nascimento da poesia enquanto gênero para crianças no século XVIII. Este momento marca a ruptura com as noções de infância,

percebendo a criança como ser individual e a infância como um estágio de formação da vida; no segundo, a criação folclórica de origem camponesa difundida no período da Idade Média, que não se distinguia de adulto para criança, assim, o público mais jovem tinha contato com o mesmo tipo de literatura que os mais velhos. Por fim, a adaptação de poemas clássicos que basicamente eram fragmentados para os leitores mirins, justificado pela falsa ideia de que crianças não tinham a capacidade de compreender o poético nos textos. Assim, se retirava da obra aquilo que era considerado complexo para a mente dos pequenos.

Ainda segundo Bordini (1991, p. 8):

O caso da poesia é exemplar, quanto às consequências da adaptação, dentro da literatura infantil. Setor tradicionalmente ultravalorizado da criação verbal artística, quando recebe o adjetivo *infantil* tende a perder sua natureza poética num balbúcio meloso de emoções ou na voz estrondosa que exalta deveres cívicos ou familiares.

Percebe-se a literatura, mais especificamente a poesia infantil desvalorizada, uma vez que com essas adaptações racionalizavam o sentimento, dado que se deixa apenas o caráter considerado “menos complexo” e doutrinário para que possa se tornar compreendido e deles tirar lições para serem imitadas pelos leitores mais jovens.

É comum encontrar nas primeiras obras produzidas para as crianças lições de moral evidentes como no poema de “Ave-Maria” de Olavo Bilac (2019, 70):

Meu filho! termina o dia...
A primeira estrela brilha...
Procura a tua cartilha,
E reza a Ave Maria!

O gado volta aos currais...
O sino canta na igreja...
Pede a Deus que te proteja
E que dê vida a teus pais!

Ave Maria!... Ajoelhado,
Pede a Deus que, generoso,
Te faça justo e bondoso,
Filho bom, e homem honrado;

Que teus pais conserve aqui
Para que possas, um dia,
Pagar-lhes em alegria
O que sofreram por ti.

Reza, e procura o teu leito,
Para adormecer contente;
Dormirás tranquilamente,

Se disseres satisfeito:

“Hoje, pratiquei o bem:
 Não tive um dia vazio,
 Trabalhei, não fui vadio,
 E não fiz mal a ninguém”.

É explícita a intencionalidade poética nos versos de Bilac para a educação, o caráter religioso e os deveres civicos dos mais novos. É esperado que o modelo de filho que o poeta utiliza nos seus versos seja copiado pelos mais jovens. E por muito tempo obras assim foram sendo divulgadas

É importante refletir que esse pensamento só começa a mudar a partir do momento em que o conceito de infância também é modificado. Isso ocorre após diferentes mudanças sociais e o reconhecimento da infância como uma fase de um indivíduo em formação que levaram um longo tempo, e um grande processo de transição que não ocorre da noite para o dia.

A ruptura com este modelo poético só torna-se evidente com o que Coelho (2000) chama de “eclosão dos ismos”, referindo-se a manifestações vanguardistas (Cubismo, Dadaísmo, Futurismo, Surrealismo...) que por mais diferenças que apresentassem entre si, tinham em comum a intenção de romper com o tradicionalismo.

Aos poucos, com a evolução dos ideais e os pensamentos da sociedade acerca do público infantil, vão se consolidando cada vez mais os diversos gêneros textuais infantis pensados para as crianças. É o que afirma Coelho (2000, p. 223-224):

Entre a poesia infantil tradicional e a contemporânea, há uma diferença básica de intencionalidade: a primeira pretendia levar seu destinatário a *aprender* algo para ser imitado depois; a segunda pretende levá-lo a *descobrir* algo à sua volta e a *experimentar* novas vivências que, ludicamente, se incorporarão em seu desenvolvimento mental/existencial.

Assim, vemos uma literatura tradicional pensada para doutrinar as crianças, ensinar um modelo de caráter a ser seguido, enquanto a poesia contemporânea tem seu foco em conduzir a criança para um caminho de descobertas. E é o modelo lúdico e dinâmico que a poesia contemporânea constroi, que desperta o gosto das crianças, conforme afirma Coelho (2000, p. 237):

A poesia, rompendo com os esquemas tradicionais e sua linguagem lógica, torna-se lúdica, irreverente e fragmentada... Em lugar de manipular conceitos

(como antes) a poesia explorava virtualidades da matéria verbal: a sonoridade e o ritmo das palavras soltas. Daí que, em geral, os breves poemas modernistas agradam os indivíduos infantis. Mais do que a significação de vocábulos, importa seu dinamismo lúdico, a brincadeira com as coisas.

O espaço que se abre depois de muito tempo, segundo Coelho (2000) por volta da segunda metade do século XX, e após inúmeras desconstruções sociais, na produção da poesia agora pensada para deleite dos mais novos revela uma valorização da poesia como modo de ver o mundo pela ótica infantil.

A poesia infantil desponta com esse modelo tradicional e racional e vai dando lugar ao ludismo, ao invés do caráter doutrinador, tem uma poesia dinâmica que agrada aos jovens pelo jogo com as palavras e os sons.

3.2 APROFUNDANDO OS CONHECIMENTOS DA POESIA INFANTIL CONTEMPORÂNEA

Para Kirinus (2011) genialidade e ingenuidade são conceitos aliados, e na poesia infantil contemporânea as intenções, os temas, as imagens, a estilística e mesmo os sons são centralizados no gosto infantil e nas sensações que serão despertadas e apreciadas pelo leitor.

Lembremos que a essência poética é singular e cada um pode ter suas interpretações, isto é, a poesia carrega em si diferentes sentidos que são atribuídos por quem as lê. Por isso, a genialidade ou ingenuidade dos poetas nas escolhas das palavras é essencial na produção das obras.

O conjunto das palavras pensadas na construção da poesia carrega um significado importantíssimo no despertar do imaginário e aguça a ludicidade. Podem despertar sensações que dão acesso ao mundo imaginário infantil aproximando o real e o imagético e criando diversos sentidos.

Cademartori (2010, p. 22) afirma que “a ficção e a poesia são formas viáveis – e prazerosas – de lidar com as diferentes faces do real. Possibilitam à criança identificar e examinar percepções, sentimentos, fatos, situações, formando, assim, conceitos”.

Intencionalmente ou não, a dinâmica dos vocabulos escolhidos constrói um sentido, e eles podem ser diferentes para cada sujeito, não só sentido, mas emoções, sentimentos, sensações e ideias. Isso porque a relação entre palavras no verso criam imagens que traçam um percurso nas mentes. Conforme afirma Coelho (2000), poesia é também imagem.

Conforme a leitura vai acontecendo, o significante vai se estabelecendo e criando um sentido nos versos, como no exemplo da poesia de Alexandre de Azevedo (2010, p. 21) “Um cheiro gostoso”:

Quando empurrava
o portão
da casa de minha avó
logo me abraçava
o cheiro gostoso
de café com leite e pão de ló

Ao fazer a leitura associamos as palavras às imagens, pensamos em um portão, no café no bolo e mesmo na avó. É claro que as imagens são diferentes de pessoa para pessoa, assim como os sentidos, algumas pessoas podem ler e sentir uma nostalgia, outros a familiaridade e ainda outros de indiferença.

Além de imagem, Coelho afirma (2000) que a poesia também é som. A sonoridade advinda das rimas (quando estão presentes no texto) e do ritmo é uma marca da poesia infantil que chama a atenção do leitor mais jovem e atua despertando memórias sensoriais. Afinal, como reflete a autora citada anteriormnete, quantas crianças não são marcadas pelas cantigas folclóricas, cantigas de roda e de ninar que são formas poéticas que marcam o período da infância.

É o ritmo dos versos e a construção das rimas que nos lembram dessas cantigas e torna a leitura descontraída. Outros recursos sonoros empregados na construção de poemas são as aliteraões, assonâncias, os trocadilhos, as onomatopeias. Esses recursos característicos do gênero podem provocar o humor e divertir a criançada. Cademartori (2010, p. 25) destaca: “poesia infantil brinca com os sons e, ao fazê-lo, favorece a percepção da materialidade da língua e de seu potencial lúdico”.

Outro recurso característico da poesia infantil são as figuras de linguagem. Segundo Cunha (2012) são as figuras de linguagem que potencializam as nossas expressões evidenciando os aspectos funcionais da língua. Sorrenti (2009, p. 37) explica que “um poema se faz com palavras, e não com ideias soltas no ar”.

Figuras como metáfora, metonímia, onomatopeias e ironia, enriquecem os versos. O poema “sou eu mesmo” de Sérgio Capparelli (2013, p. 75) exemplifica isso:

Eu só queria ser eu mesmo
E assim, querendo,
Ai de mim!

Você tem
 Os olhos da vovó.
 Você tem
 A boca da titia.
 Você tem
 Os cabelos da mamãe.
 Você tem
 As mãos do tio Antônio.
 Você tem
 O nariz do papai.
 Você tem...

Para, para, para,
 Quero ser eu mesmo:

E não o Frankenstein!

Em nossa análise, a poesia de Capparelli traz nestes versos o uso de duas figuras de linguagem, a metonímia e a ironia. A metonímia aparece nos versos da segunda estrofe “você tem/ os olhos da vovó [...]”, suprime-se a palavra “semelhante” e substitui-se pelas partes do corpo de cada membro da família que vai sendo citado, e ao final no poema a ironia aparece quando o eu lírico associa as semelhanças com os parentes a pedaços que o formam atribuindo ao monstro Frankenstein, monstro constituído de partes de pessoas.

A partir dessa obra, também podemos verificar a atribuição de sentidos que lhe é dado. Uma criança precisa ter conhecimentos prévios do personagem Frankenstein para compreender o humor do poema. Quando se lê um poema é imprescindível que se busque sentido.

Bordini (1991) explica que a poesia é uma das formas literárias, que mais exigem introspecção, mas não pelo acentuado subjetivismo, mas porque condensa múltiplos sentidos, exigindo “um olhar mais atento à página, uma ativa mobilização do conteúdo intelectual e afetivo preexistente ao contato, um ajustamento contínuo de emoções e desejos, juízos e avaliações, à medida que a leitura progride” (p. 31).

Esses elementos estabelecem o ludismo ao mundo das crianças que percebem o texto não como um recurso não só paradidático, mas como uma brincadeira. Sorrenti (2009) destaca que cada leitura possibilita ao leitor participar nos textos dos outros na busca de atribuir seus próprios sentidos, o que permite receber e refazer o texto.

Assim, a poesia atua como uma ponte que liga a criança ao mundo, e por que não, entre o adulto e o universo das crianças? Afinal, Sorrenti (2009, p. 27, grifo nosso) afirma que

“poema para criança é aquele que criança *também* lê”. Em outras palavras, o poema possibilita ao leitor a reinvenção do mundo imagético e fantástico.

3.3 CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS CONTRIBUIÇÕES DA POESIA INFANTIL NO AMBIENTE ESCOLAR

Muito se discute acerca do campo da literatura, se é pedagógico ou artístico. Consideremos que de maneira mais simples, recurso pedagógico se refere a instrumentos que servem de auxílio para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem. E com o outro situamos elementos que contribuem na composição criativa das manifestações artísticas ou que já são advindas dessas manifestações. Podemos dizer que a poesia, mesmo a contemporânea caracteriza a interseção da pedagogia e da arte, o lúdico e o pedagógico.

Isto porque, na arte a poesia se apresenta como manifestação do pensamento, emoções e sensações de um indivíduo que sendo apresentada ao público, traz em sua essência um significado oculto, que permite a atribuição de múltiplos sentidos de quem às lê. Pedagógico porque a poesia estimula a criança a explorar o mundo que a cerca tomando consciência de si e do outro. Coelho (2000, p. 222-223) diz que:

Se partirmos do princípio de que hoje a educação da criança visa basicamente levá-la a descobrir a realidade que a circunda; a *ver* realmente as coisas e os seres com que ela convive; a ter consciência de si mesma e do meio em que está situada (social e geograficamente); a enriquecer-lhe a intuição daquilo que está para além das aparências e ensiná-la a se comunicar eficazmente com os outros, a *linguagem poética* destaca-se como um dos mais adequados instrumentos didáticos.

Mediante a afirmação de Coelho, a proposta aqui é ressaltar a poesia infantil como instrumento paradidático. É importante mencionar que apesar de não ser o intuito vislumbrar o caráter artístico do gênero, não se pode excluir o fato, uma vez que não se pode pensar em poesia sem pensar em suas manifestações criativas e lúdicas, e que vai além do visível.

É geralmente na escola que a criança tem o contato com a poesia. Sorrenti (2009) diz que a poesia está ligada à escola e, é à escola que se atribui o dever de acender o gosto pela poesia. Contudo, por vezes é esse ambiente que afasta o aluno do gosto pelos textos poéticos.

Recusar-se a trabalhar com poesia, ou mesmo usá-la como um pretexto nas aulas de língua portuguesa é reprimir a criatividade e a imaginação dos estudantes. Pinheiro (2007) aponta que a poesia é um dos gêneros literários menos presentes nas salas de aula, e que a

tentativa para aproxima-lá do aluno deve ser pensada e planejada. Isso acontece muitas vezes porque os professores temem as interpretações textuais ou não se sentem capazes de fazÊ-lo. “Bons poemas oferecidos constantemente [...], tem eficácia educativa insubstituível” (Pinheiro, 2007, p. 21).

O motivo disso é que a poesia tem como função social despertar novos conhecimentos, explorar o novo e ter possibilidade de novas experiências. Em contato com a poesia, o aluno tem consciência de si através das palavras do outro. A troca que existe na identificação e no compartilhar dos sentimentos e emoções que o poeta exprime é enriquecedora para o aluno que sente que é percebido e mesmo “traduzido” pelo poeta.

Coelho (2000, p. 267) defende que “nunca será demais insistir no fato de que a poesia (para crianças, jovens ou adultos) exige mais do que rimas e ritmos. O poema deve nascer de um olhar inaugural, de um ver diferente algo já conhecido ou descobrir algo ainda mais desconhecido”.

Além disso, a poesia contribui com diversas outras vertentes educativas, por exemplo, a poesia infantil conecta a criança ao meio social. Através dos versinhos infantis a criança aprende a dominar suas palavras, enriquece o vocabulário, estabelece ritmo como a respiração, rompe barreiras como a insegurança e inibição, explora os neologismos, desenvolve a imaginação e a criatividade, além de tornar as aulas mais atrativas.

Por isso devemos ter atenção quando selecionamos os textos que serão apresentados aos alunos. Pinheiro (2007, p. 20) afirma que “[...] é evidente que vale a pena trabalhar a poesia em sala de aula. Mas não qualquer poesia, nem de qualquer modo. Carecemos de critérios estéticos na escolha das obras ou na confecção de antologias”. Acrescentando a essa informação, podemos reiterar que não só a escolha dos textos, mas como mediar a leitura, é fantasioso pensar que escolher recomendados textos para as aulas vai aproximar o aluno pelo gosto de ler. Em todo caso, cabe ao professor construir uma antologia de poemas que, a seu ver, se aproximem o mais possível da fase de desenvolvimento em que se encontram os alunos. O professor não deve se limitar ao que traz o livro didático.

Pinheiro (2007) aposta três condições indispensáveis para trabalhar obras poéticas na sala de aula:

A primeira condição é que o professor seja de fato um leitor, e com “leitor de poesia” essa condição não sugere que o docente seja um erudito, mas que compreenda a poesia e como elucidá-las aos alunos. Juntamente com o professor, os alunos façam as interpretações dos poemas. É esperado que o professor reconheça nomes e temas centrais de alguns poetas, afinal, demonstrar desinteresse não fará com que os alunos sejam entusiastas do gênero.

A segunda condição que Pinheiro (2007) traz, é que o docente esteja atento aos interesses do aluno, pesquisar e conhecer os assuntos que mais os atraem é fundamental para que inicialmente o professor aborde as temáticas que podem até mesmo ser sugerida pelos próprios estudantes. E a posteriori poderão ser trabalhados temas inovadores, de que os alunos não tenham conhecimento para integrar o universo infantil.

Por último, a terceira condição é o ambiente em que se vai trabalhar poesia. Buscar novos ambientes mostra que a poesia não se limita à sala de aula. O pátio, jardim, a biblioteca são lugares que podem trazer uma experiência agradável para a turma. Outro ponto é criar condições adequadas para o momento, as declamações, leituras com fundo musical, murais de leitura, tudo isso pode fortalecer ou criar o vínculo do aluno com a literatura.

Essas condições que o autor compartilha, são de fundamental importância para o conhecimento do professor, principalmente porque os alunos não cultivam o hábito de ler poemas, e podemos ousar ao falar que muitos educadores também não possuem tal hábito. Por isso, destaquemos a primeira condição que o autor aborda, haja vista que para que se tenha prazer na leitura de textos poéticos é preciso conhecê-los.

O que não se percebe é que temos diariamente convivido com obras poéticas a que não damos a devida importância, muitas vezes por não saber que são poesias. A exemplo disso temos as parlendas, limeriques, trava-línguas, cantigas de roda e de ninar. São formas poéticas conhecidas que fizeram e fazem parte da infância da meninada. As formas poéticas constituem diversas características em sua composição que são elementos didáticos e pedagógicos.

O trava-línguas, por exemplo, ajuda a desenvolver o domínio da fala, aprimora a pronuncia, promove a sociabilidade das crianças. Além disso, tem um fundo cômico que pode levar ao riso. A parlenda é um tipo de texto poético que faz parte do folclore brasileiro e desenvolve a memória e brincadeira com os sons. O cordel é um gênero de poema narrativo e que agrega característica da poesia regional, já que tem grande destaque no Nordeste e representa a cultura de um povo fazendo-se conhecida através de versos. Além disso, traz referências intertextuais e o uso das variações linguísticas. Observe no trecho do cordel “Lampião, lá do sertão” de Mariane Bigio (2014, s.p.):

“Bem no meio da Caantiga
E não falo do “fedô”!
Pois entendam que esse nome
(Seu menino, seu “dotô”)
é dado à vegetação
que cresce lá no Sertão

onde a história se “passô”

E foi em Serra Talhada
 Num canto desse Sertão
 Que nasceu um cangaceiro
 O seu nome: Lampião
 Para uns muito malvado
 Para outros um irmão

Ele era muito brabo
 Tinha muita atitude
 Alguns dizem, hoje em dia
 Que ele era o Robin Hood
 Roubava do povo rico
 Dava a quem só tinha um tico
 De dinheiro e de saúde

[...]”

A partir da leitura das estrofes do cordel acima, analisamos que além das referências geográficas e a ambiguidade da palavra “caatinga” para divertir a criançada e da interação com um personagem Robin Hood, a cultura Nordestina é apresentada para outras regiões, assim como as expressões “fedô” “passô” e “dotô” que caracteriza as variações linguísticas regionais, Não menos importante, transmite-se a cultura do povo para as outras gerações.

Apesar de que o cordel não é uma literatura exclusivamente infantil, observamos produções deste gênero voltadas para a criança.

Outra contribuição do estudo da poesia em sala de aula é justamente as temáticas que carregam, sejam elas folclóricas, regionais, ideológicas. Através da poesia infantil, vê-se uma forma de apresentar a diversas temáticas e acima de tudo, incluir o aluno nessas temáticas, seja através do conhecimento das causas ou da representatividade. Conhecer a poesia também é conhecer a cultura e a história de um povo.

Visto que o poeta busca transmitir cultura, sentimentos, pensamento e representações do meio social através de suas obras, o texto poético pode ser um instrumento significativo para ser trabalhado em sala de aula. Como cita Pinheiro (2007, p. 52-53):

A poesia já foi conceituada como jogo da linguagem. Como um modo especial de linguagem, a poesia, através do jogo sonoro (aliterações, assonâncias, rimas, etc.) e semântico, desloca sentidos, cria outros, revitaliza palavras através de associações inusitadas, joga com a tensão entre som e sentido. Notadamente, a poesia destinada ao público infantil tem usado (e às vezes, abusado) da dimensão lúdica. E o resultado, na obra de muitos poetas, traz ganhos evidentes.

Diante disso, o estudo da poesia em sala de aula pode ser considerado não só proveitoso, mas indicado. Já que o poema é um gênero rico e que pode ser explorado de muitas formas contribuindo com novos conhecimentos em sala de aula e principalmente no processo de formação de leitores infatis.

O que acontece muitas vezes é o que Martins (2006) explica como sentimento de importância nos trabalhos de leitura textual em sala de aula, partindo dos próprios educadores, que não têm o hábito da leitura e se limitam aos livros didáticos. Ainda segundo a autora, o que acontece é que os livros didáticos são geralmente muito condensados, além de serem carregados de ideologia conservadora e autoritária.

Pensamos assim, que não basta apenas explorar a poesia que os livros didáticos apresentam, mas se dedicar a um estudo de maior aprofundamento a respeito do gênero. O objetivo desse trabalho é mostrar aos professores que a poesia infantil não deve ser deixada de lado nos estudos de literatura. Há muito que se possa explorar na poesia infantil.

Posto isso, propomos uma sequência didática baseada em Cosson (2009) voltada aos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II, que tem como finalidade apresentar e estudar alguns exemplos de formas poéticas que nortearão o professor em sala de aula.

4 PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM POESIA INFANTIL

A escolha de trabalhar com a poesia se dão por este gênero ser carregado de significação e que permite ao leitor atribuir sentidos diversos. Além disso, como afirma Pinheiro (2007) mesmo após a massificação da literatura infantil, muitos professores priorizam o texto em prosa porque não sabem como analisar a forma da poesia: o verso, os ritmos, as possíveis rimas, a estrofe, as imagens, etc. Ainda segundo o autor, a função social da poesia é justamente essa, a experiência íntima entre o leitor e o texto que aguça as emoções e a sensibilidade do leitor.

Aqui queremos abordar as características do gênero poesia infantil, ao passo que trabalhar com poesia voltada para o público juvenil é como afirma Sorrenti (2009, p. 31-32): “ceder lugar aos temas voltados para a descoberta do amor, os problemas existenciais, sociais e políticos”. Nossa proposta, no entanto, é trabalhar com textos voltados ao cotidiano dos alunos, as cantigas de roda, canções folclóricas que estão mais comumente presente no universo infantil.

A escolha de trabalhar com aluno do sexto ano, se deve ao fato de que nessa série, os alunos geralmente estão na faixa etária que vai de 11 a 12 anos de idade, de acordo com o art. 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), “considera-se criança a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade” (BRASIL, 1990, s.p.). O intuito é valorizar a literatura infantil que muitas vezes é esquecido, pois se subestima a capacidade leitora da faixa etária.

Para trabalhar com o gênero poesia infantil, propomos uma sequência didática básica baseada em Cosson (2009), que apresenta estratégias para se trabalhar o letramento literário, isto é, aproximar a relação da literatura com a escola por meio da prática de leitura. A sequência didática é a metodologia usada pelo professor para consolidação das atividades propostas.

Cosson (2009) estrutura a sequência didática básica em quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. A seguir, discutiremos cada uma das etapas.

A motivação consiste em despertar o aluno para o que se pretende trabalhar, aguçando a curiosidade sem oferecer diretamente a obra. É geralmente feita em torno de um tema. Apesar disso ela pode ser pensada baseada nos recursos estilísticos ou na estrutura narrativa. O autor ainda destaca que se a motivação cumpriu o seu objetivo, ela não passará de uma aula.

Em seguida, temos a introdução ou apresentação. Nessa etapa apresentamos as obras e os principais autores, suas especificidades e principais características em suas produções. Segundo Cosson (2009) a apresentação é feita, sobretudo, para que o aluno receba a obra de maneira positiva. Por isso, não se deve levar muito tempo explorando os recursos paratextuais. O ideal é que o aluno possa ter a experiência por si mesmo.

Após as duas primeiras etapas, é feita a leitura. Nesse momento, o aluno de fato lerá as obras. É importante neste quesito que o professor acompanhe este processo, já que é nessa etapa que muitos alunos sentem maior dificuldade, principalmente quando se trata de obras mais extensas. Para isso, o autor sugere que haja um intervalo ou intervalos entre o processo de leitura, e nestes intervalos o professor traga temas relacionados às obras e perceba as dificuldades que possam haver no processo da leitura.

Por último, temos a interpretação. Para Cosson (2009, p. 65) “a interpretação é feita com o que somos no momento da leitura”. Essa etapa diz respeito a dois tipos: a interpretação interna e a externa. A primeira é um processo pessoal, em que leitor constroi sentidos próprios para suas leituras, é um processo individual. Já a interpretação externa é quando acontece à concretização, a construção de sentidos do grupo social envolvido. Em outras palavras, é aquele momento em que os leitores discutem e trocam ideias sobre o parecer das obras, ampliando os sentidos que outrora foram construídos individualmente.

A proposta da sequência didática que iremos apresentar visa ampliar a capacidade crítica dos alunos através do gênero poesia infantil a partir de leituras e discussões com o intuito de construir aulas dinâmicas e interativas em turmas de 6º ano do ensino fundamental, com alunos entre 11 a 13 anos de idade. É uma forma que encontramos de contemplar esse gênero que conforme vão passando as séries escolares, acaba perdendo espaço para outros, principalmente os narrativos.

Nossa sequência é composta por nove aulas e dividida nas quatro etapas, conforme o modelo citado. Assim, dedicaremos uma aula para a motivação, duas para a introdução, quatro para a leitura e, por fim, duas aulas para a interpretação. O método avaliativo será baseado nas participações dos alunos nas atividades ao longo da sequência e a culminância do sarau literário. Utilizaremos as formas poéticas trava-línguas, cordel, parlendas e poesia visual. As três primeiras com o objetivo de mostrar a poesia no cotidiano dos alunos e a última, como forma de revelar outros tipos de poesias que talvez seja menos conhecido pelos alunos.

4.1 SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Objetivo Geral: Propor a poesia infantil a fim de contribuir com a formação crítica e leitora dos alunos.

Objetivos Específicos:

- Reconhecer cantigas presentes no cotidiano dos alunos como obras poéticas;
- Debater a musicalidade e rimas poéticas;
- Discutir temas relacionados ao cotidiano dos alunos.

Tema: Poesia infantil.

Público-alvo: alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II.

Duração: nove aulas.

Recursos utilizados: folha sulfite, texto impresso, pendrive, TV, impressora, computador, caderno, lápis.

Etapas da sequência didática.

MOTIVAÇÃO – 1ª aula

Duração: 50 min

O professor, ao iniciar a aula, deve fazer uma abordagem diagnóstica através de um questionário, com o objetivo de verificar o nível de conhecimento dos alunos, a respeito de rimas. Levantar questionamentos como:

- Você sabe como fazer rimas?
- É comum ouvir rimas nas histórias ou músicas do seu cotidiano?
- Você acha que um texto com rimas torna-se mais agradável de ler?
- Já viu ou participou de alguma batalha de rimas?

Em seguida o professor fará uma dinâmica que consiste em adivinhar as cantigas populares por meio de emojis. Será feita da seguinte forma: o professor apresentará a combinação das imagens e pedirá que observem e busquem conectá-las a algo que

conheçam, sem revelar de que se trata. Sugerimos as canções “se essa rua fosse minha”, “atirei o pau no gato” e “borboletinha”. Apresentamos as seguintes imagens para a dinâmica:

Figura 1 - Dinâmica de advinha da cantiga “Se essa rua fosse minha”



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Figura 2 - Dinâmica de advinha da cantiga “Atirei o pau no gato”



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Figura 3 - Dinâmica de advinha da cantiga “Borboletinha”



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Como atividade para classe, o professor poderá pedir aos alunos que eles criem as advinhações por meio de imagens de outras cantigas populares. Os próprios estudantes podem desenhar em seus cadernos alguns emojis e pedir aos colegas que advinhem a cantiga escolhida.

INTRODUÇÃO/ APRESENTAÇÃO – 2ª e 3ª aula

Duração: 50 minutos

Na introdução trabalharemos em duas partes usando a 2ª e 3ª aula para isso, nessa primeira aula o professor deverá apresentar aos alunos alguns tipos de formas de poesia. Propomos algumas sugestões: cordel, poesia visual, trava-línguas e parlenda. É interessante que o professor apresente o poema e peça que leiam. primeiro uma leitura silenciosa e depois uma poderá peir que os alunos se voluntariem para fazer as leituras em voz alta. Após as leituras, os alunos poderão tecer comentários a respeito dos sentidos que construíram. Esse momento é importante para que se perceba as diferentes compreensões, o professor deve abrir espaço para que os alunos sintam-se confortáveis para isso, não estabelecendo o certo ou errado.

Em seguida, propomos uma dinâmica para brincar com as figuras de linguagem, que funcionará da seguinte forma: Com os alunos em círculo o educador dirá uma frase para que os alunos completem com uma metáfora, por exemplo, o professor dirá “Nos olhos ela tem...” e para ilustrar um aluno poderá ser previamente orientado a responder “estrelas”, exemplificando a dinâmica, e em seguida uma nova rodada iniciará. O objetivo da dinâmica é familiarizar os alunos com uma das características da poesia infantil: a metáfora, desenvolver a criatividade e divertir os alunos com as possíveis respostas.

Outra dinâmica que pode ser trabalhada é a produção de poemas feita pelos alunos através de palavras aleatórias. Para isso, os alunos devem escolher palavras aleatoriamente, ou mesmo sortear entre os colegas palavras aleatórias escritas em um papel e cada aluno será desafiado a escrever seu poema usando obrigatoriamente as palavras com que foi contemplado.

INTRODUÇÃO/ APRESENTAÇÃO

Duração: 50 minutos

Continuando a etapa da introdução, nesse segundo momento serão apresentados alguns autores de poesia infantil: Sérgio Capparelli, Ruth Rocha, Marina Colasanti, Cecília Meireles e Pedro Bandeira. São alguns nomes famosos na literatura brasileira que escrevem poemas para crianças e que vale a pena conhecer. Muitos deles têm seus poemas apresentados em livros didáticos o que os familiarizará também para os alunos em outra oportunidade de encontrarem esses textos. Sugerimos também, Mariane Bigio, autora de cordeis para crianças e que está se tornando mais conhecida por meio de suas produções em *blogs* e recitais publicados na plataforma *Youtube*. Previamente o professor pode apresentar fotos desses autores e as expôr aos alunos apenas com os nomes de cada um.

A proposta é que essa aula seja realizada na sala de computação ou na biblioteca da escola, para que uma pesquisa seja realizada em torno das produções do autor.

O professor pedirá que os alunos formem grupos. A depender da quantidade de alunos e computadores disponíveis sugerimos que formem trios ou quartetos. Assim todos os integrantes poderão participar da pesquisa e terem a oportunidade de conhecer outras produções dos autores e em seguida poderão escolher dentre os autores apresentados anteriormente, um, para realizarem a pesquisa, que consistirá na busca por obras dos autores escolhidas. Cada equipe deverá selecionar um poema do autor pesquisado e recitar para a turma. É interessante que as equipe converse entre si sobre um sentido para o poema que escolheram. Caso haja divergências nas interpretações, podem apresentar os diferentes pensamentos aos colegas.

LEITURA – 4ª a 7ª aula

Duração: 50 minutos

Na etapa da leitura, escolhemos trabalhar com formas poéticas infantis. Em cada aula apresentaremos uma categoria das selecionadas: trava-línguas, cordéis, parlendas e poemas visuais.

Nessa aula, começaremos pelo trava-línguas. Utilizamos a obra “Conta pra mim” organizada pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2019), que reúne trava-línguas curtos e longos, de domínio popular, para as crianças.

O professo disponibilizará para toda a turma por meio de slides e pedirá que todos os alunos leiam primeiramente devagar e tentem memorizar. Escolhemos os seguintes trava-línguas:

“O rato roeu a roupa do rei de Roma.”

“Arara rara de Araraquara”

“A aranha arranha a jarra,
a jarra arranha a aranha”

“Debaixo da pia,
tem um prato, um pinto e um gato.

Pinga a pia, apara o prato,
pia o pinto, mia o gato.”

“Num ninho de mafagafos,
seis mafagafinhos há.
Quem os desmafagafizar,
bom desmafagafizador será.”

“Quando digo “digo”,
digo “digo”, não digo “Diogo”.
Quando digo “Diogo”, digo
“Diogo”, não digo “digo”.
“Olha o sapo dentro do saco,
o saco com o sapo dentro.
O sapo batendo papo,
e o papo soltando o vento.”

“Paulo Pereira Pinto,
pobre pintor português,
pinta perfeitamente
portas, paredes e pias”

“A pia perto do pinto,
o pinto perto da pia.
Quanto mais a pia pinga,
mais o pinto pia.
A pia pinga, o pinto pia,
pinga a pia, pia o pinto.
O pinto perto da pia,
A pia perto do pinto.”

Após a turma ter lido os trava-línguas selecionados, eles poderão realizar uma competição para recitá-los. Um aluno por vez tentará declamar o trava-línguas o mais rápido possível e partir para o próximo. Os alunos deverão estar atentos para que se o que estiver

recitando errar, o próximo aluno conduza. Assim poderão contabilizar o maior número de acertos.

É interessante que o professor também possa participar da atividade e pedir que os alunos escolham um trava-línguas para que o educador recite. O jogo de palavras usadas nessa forma poética promove o divertimento através da confusão de oralizar palavras que sejam semelhantes. Além disso, promove o desenvolvimento da fala, a desinibição e o estudo de estrutura do poema.

5ª aula

Duração: 50 minutos

A 5ª aula terá como forma poética: a parlenda. Esse tipo de poema amplia a compreensão das crianças sobre o mundo ao seu redor e também promove a consciência de ritmo e musicalidade.

Para essa aula, o professor levará os alunos para um ambiente externo: pode ser o pátio da escola, a quadra poliesportiva, o campo ou jardim. Os alunos deverão estar em círculo e o professor, por sua vez, vai perguntar quem lembra as características da parlenda. Os alunos que souberem podem responder à pergunta e o professor deverá completar as informações caso alguma seja esquecida.

Em seguida, o professor vai distribuir algumas parlendas impressas e pedir que os alunos leiam silenciosamente e digam se já conhecem. Caso já conheçam o professor vai orientá-los a associá-las a brincadeiras já conhecidas que incluíam parlendas e, para os que não conheciam, o professor pedirá que criem uma brincadeira para a parlenda selecionada. Pode ser batendo palmas, pulando corda, em jogo de movimento ou estátua. Esse momento será para a brincadeira. Sugerimos as parlendas da tradição popular:

“ Um, dois

Um, dois, feijão com arroz.

Três, quatro, feijão no prato.

Cinco, seis, feijão inglês.

Sete, oito, comer biscoito.

Nove, dez, comer pastéis.”

“Uni duni tê

Uni duni tê.

Salamê minguê.
 Um sorvete colorê.
 O escolhido foi você.”

“Batatinha

Batatinha, quando nasce,
 espalha rama pelo chão.
 Menininha, quando dorme,
 põe a mão no coração.
 Sou pequenininha
 do tamanho de um botão.
 Carrego papai no bolso
 e mamãe no coração.”

“Dedo mindinho

Dedo mindinho,
 seu vizinho,
 pai de todos,
 fura bolo,
 mata piolho.”

“Quem cochicha

Quem cochicha, o rabo espicha.
 Quem escuta, o rabo encurta.
 Quem reclama, o rabo inflama.
 Quem comenta, o rabo aumenta.
 Quem implica, o rabo estica.”

Sugerimos, na parlenda “Quem cochicha” o vídeo com a música “Quem cochicha o rabo espicha” de Jorge Benjor, cantada pelo compositor da canção em parceria com a banda de rock Barão Vermelho. O vídeo pode motivar uma discussão sobre como a canção amplia os sentidos da parlenda.

“O macaco

O macaco foi à feira, não sabia o que comprar.
 Comprou uma cadeira, pra comadre se sentar.
 A comadre se sentou, a cadeira esborrachou.
 Coitada da comadre, foi parar no corredor.”

“Hoje é domingo

Hoje é domingo,
 pede cachimbo.
 Cachimbo é de barro,
 dá no jarro.
 O jarro é fino,
 dá no sino.
 O sino é de ouro, dá no touro.
 O touro é valente,
 dá na gente.
 A gente é fraco,
 cai no buraco.
 O buraco é fundo,
 acabou-se o mundo”

No final na aula espera-se que os alunos constatem que a poesia está presente no cotidiano das pessoas, mesmo fora da escola. E para atividade extraclasse, o professor pedirá que busquem outras versões das parlendas que foram citadas na aula, atentando que algumas regiões têm versões diferentes das apresentadas.

6ª aula

Duração: 50 minutos

Ainda na etapa da leitura, trabalharemos o cordel, por ser um gênero mais conhecido regionalmente. Podemos iniciar a aula questionando os alunos sobre o que eles sabem a respeito do cordel, se já leram algum. Após essa acolhida, os alunos serão conduzidos a um varal de cordeis que o professor terá preparado antecipadamente. Sugerimos trabalhar os cordeis de Mariane Bigio, autora que através de seu blog, ganhou notoriedade por suas

produções. Além de escrever, a cordelista recita suas obras e divulga pelo Youtube, alcançando muitas crianças e professores que buscam pelo gênero cordel.

Sugerimos as seguintes obras: “A Família Addams em Cordel”, “Carnaval da Bicharada”, “A história do Circo em Cordel”, “A História da Perna Cabeluda em Cordel” e “Lampião, lá do Sertão!”.

Cada aluno poderá pegar um cordel e fará uma leitura silenciosa dele. Após a leitura, os alunos deverão trocar os cordeis lidos com os colegas e, assim, todos poderão ler os cordeis disponibilizados. Ao final, cada aluno deverá partilhar sua leitura com a classe, respondendo as seguintes questões:

- De que se trata o cordel lido?
- Você conhece outras histórias como essa?
- Que características você notou no poema narrativo?
- Você teve dificuldade com as variações linguísticas regionais?

Se for possível, o professor poderá levar um cordelista para que se apresente na sala de aula. Se não for possível, poderá apresentar o cordel oralizado por meio de vídeos da internet, para que os alunos que não tenham conhecimento desse tipo de poesia possam conhecer e tenham a oportunidade de ver um recital de cordel.

Para concluir essa etapa da atividade, o professor pode sugerir aos alunos que produzam um cordel. Por ser um gênero mais extenso é recomendado que os colegas se reúnam em grupos de até quatro integrantes e escolham um tema, é interessante que o professor deixe a critério dos alunos a escolha dos temas para que eles possam usar a criatividade. Os alunos que tiverem aptidão para desenhar podem produzir as capas com as xilogravuras, tomando como exemplo as capas de cordeis que já estão disponíveis na sala de aula.

Como atividade extraclasse, o professor poderá pedir que aos alunos busquem por outros cordelistas e suas obras, selecionando as que mais gostarem.

7ª aula

Duração: 50 minutos

Por último, trabalharemos com poesia visual. Essa última forma poética difere das demais por, além de explorar ritmo, rima ou musicalidade, proporcionar o contato com outros recursos: a disposição, o aproveitamento da página, as imagens que as palavras formam na folha para construir um sentido.

Em seguida, o professor mostrará aos alunos por meio de slides ou elaboração prévia de cartazes alguns poemas visuais. Sugerimos os poemas de Sérgio Capparelli, encontrados na obra “111 poemas para crianças”: e na obra “Tigre no quintal”.

Ao passo que cada um dos poemas for sendo apresentado, o professor pedirá aos alunos que discutam os sentidos daquela obra. Pergunte aos alunos o que eles acham desse tipo de poema e se já viram outros exemplos de poemas visuais.

Explique que poemas visuais é a junção de palavras com formas visuais que vai dando vida ao texto, as imagens que são formadas nos poemas visuais têm ligação direta com o que o autor busca retratar. A poesia visual também pode ter alguns efeitos sonoros que se unem na composição da imagem.

Vejamos nos exemplos selecionados:

Figura 4 - Poesia visual “Canção para ninar gato com insônia” de Sérgio Capparelli



Fonte: Capperelli (2013, p. 119).

Após perceber que os alunos fizeram a leitura do poema visual, questione-os se faz sentido para eles a composição do título, da imagem e das palavras juntas. Após ouvir os alunos, cabe apresentar o que analisamos.

O poema visual de Sérgio Capparelli, apresenta a figura de um gato formado pela repetição do vocábulo “ron” que traz um efeito sonoro. O título do poema revela que esse som seria o ronco do gato. O que pode provocar o riso é justamente o fato de que a canção para ninar o gato seja o barulho do ronco do animal.

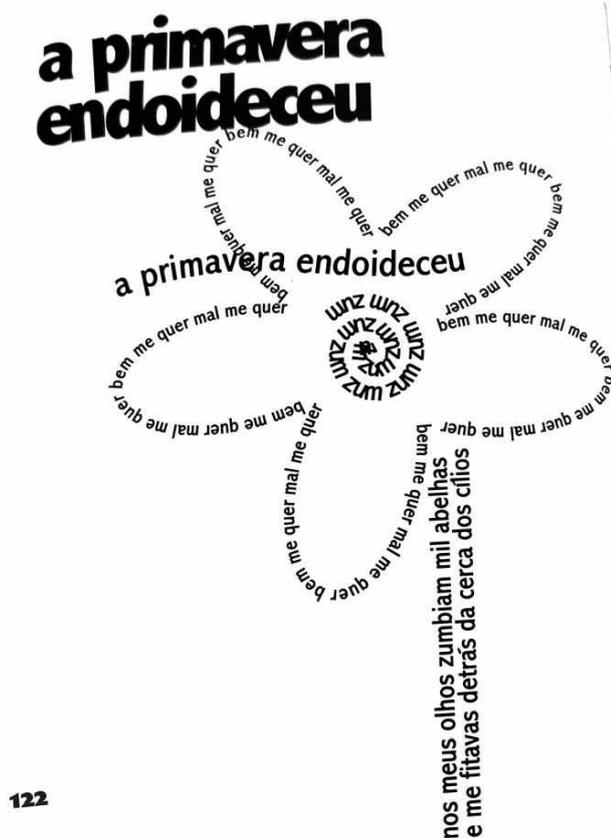
Figura 5 - Poesia visual “Jacaré letrado” de Sérgio Capparelli



Fonte: Capperelli (2013, p. 116).

Nessa segunda imagem, pergunte aos alunos o que eles entendem por letrado. O esperado é que os alunos associem letrado à palavra letra, ou poderão dizer que letrado é quem lê. Neste caso, peça que relacionem a imagem ao título. O professor pode pedir aos alunos que foquem a atenção apenas no título, e depois, apenas na poesia. Questione os alunos se haveria o mesmo efeito caso a poesia não tivesse esse título, ou se o poema estivesse escrito em versos ao invés de formar a imagem do jacaré.

Figura 6 - Poesia visual “ a primavera endoideceu” de Sérgio Capparelli

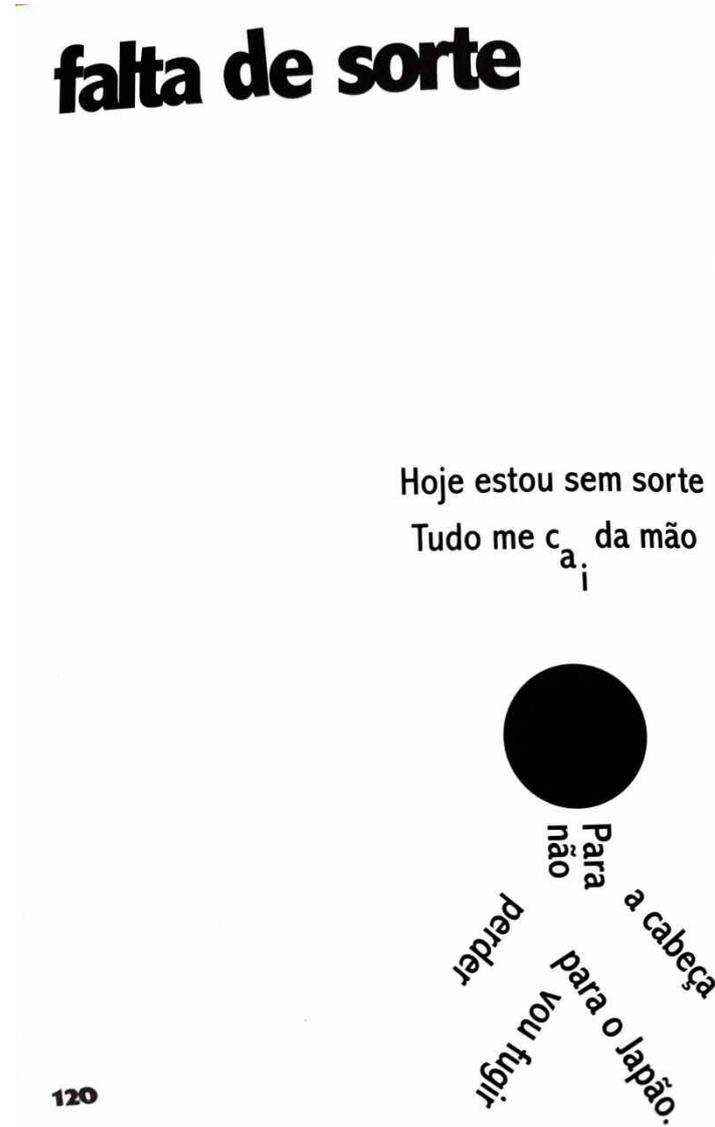


Fonte: Capparelli (2013, p. 122).

Uma forma de conduzir a discussão é perguntando aos alunos, o porquê eles acham que o poeta escolheu esse título para a poesia. E o que a primavera remete aos alunos.

Nesse poema, aparece um compilado de informações a serem associadas à primavera e ao despertar do amor começando das pétalas. Em nossa análise, Capparelli faz a brincadeira de associar essa parte das flores com a brincadeira “bem me quem, mal me quer” em que as pessoas vão arrancando as pétalas para “descobrir” se o seu amor é correspondido. Em seguida, focamos no miolo da flor, formado pela palavra que produz um efeito sonoro que remete as abelhas. É nessa parte das plantas que as abelhas buscam o pólen das flores. Capparelli brinca com o movimento do vocábulo “zum” formando um círculo remetendo ao amor que o rodeia. Por último no caule da flor, o eu lírico revela a confusão de abelhas que zumbiam diante de seus olhos e provavelmente o seu amado (a) que lhe encarava. Percebemos isso quando o poeta utiliza o verbo “fitavas”, que se refere à segunda pessoa do singular no pretérito imperfeito (tu), se o eu lírico se referisse às abelhas, utilizaria o verbo “fitavam”.

Figura 7 - Poesia visual “falta de sorte” de Sérgio Capparelli



Fonte: Capparelli (2013, p. 120).

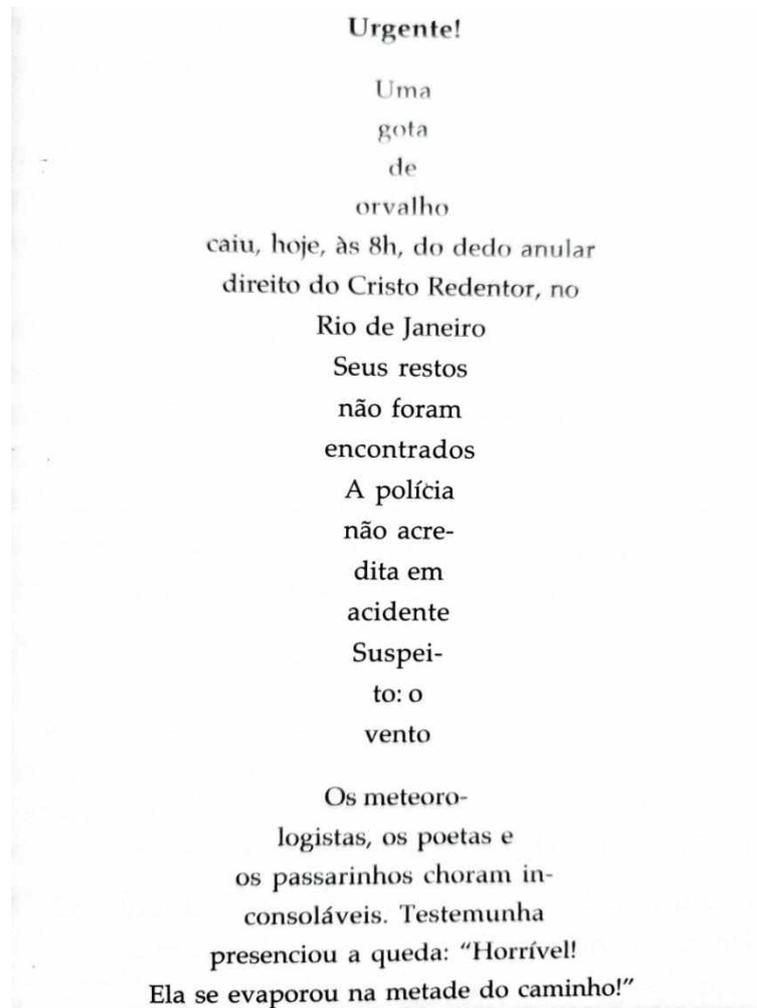
Antes de começar a discussão desse poema, note, como os alunos leram a obra e pergunte se na ordem que fizeram, fez sentido. Em seguida leia o poema na seguinte ordem: Hoje estou sem sorte/ tudo me cai da mão/para não/perder/ a cabeça/ vou fugir/ para o Japão.

Mostre aos alunos, que a ordem que se lê algumas poesia visuais podem comprometer o entendimento, mas esse aproveitamento da folha é uma das características que torna a leitura desse tipo de poesia dinâmica. Na análise do poema, chama a atenção dos alunos para a palavra “cai” que está em posição de despencamento.

Pergunte aos alunos se eles acharam o poema engraçado, e se entenderam a intenção que o autor teve de provocar o riso. Nesse caso através da brincadeira de associar a queda das

coisas, e a perda da cabeça com a crença de que o Japão está abaixo de nós, uma vez que o Brasil e Japão estão de lado opostos no mapa.

Figura 8 - Poesia visual “Urgente” de Sérgio Capparelli



Fonte: Capparelli (2014, p. 125).

Antes da leitura, o professor pode pedir aos alunos que digam de que eles acham que o poema vai tratar, apenas observando o formato e o título, sem ler o poema por completo. Após as suposições, trace uma análise ou observe se os alunos se aproximaram da atribuição de sentidos que apresentamos.

Analisamos que o último poema que apresentado, forma uma cruz com as palavras, e nos remete a uma notícia de um “homicídio”. Apesar de estar em formato de cruz, que é o símbolo do Cristianismo, a poesia não possui um teor religioso. A ironia está no caráter de urgência que propõe o título para relatar aspectos comuns da natureza. O formato por sua vez, remete ao Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro.

Após a apresentação e discussão de todas as poesias visuais que sugerimos, o professor poderá propor aos alunos que criem suas atividades de produção de poesia visual. Para isso, os alunos podem usar a imaginação, usar livros de recorte ou podem desenhar. Sugerimos que criem uma poesia visual que envolva alguma característica particular de si, cada aluno pode escolher de que deseja escrever, pode ser o nome, uma característica física ou mesmo um traço de comportamento.

Os resultados podem ser expostos na última aula dessa sequência didática proposta, na etapa da interpretação onde será realizado um sarau.

INTERPRETAÇÃO – 8ª aula

Duração: 50 minutos.

Esta etapa consiste nas interpretações internas e externas dos alunos, em outras palavras, na construção de sentidos individual e coletiva. Neste caso, propomos que haja a interpretação externa, uma vez que o trabalho se derá de forma coletiva, e os alunos construiram suas interpretações em equipes.

Após a apresentação das formas poéticas que apresentamos, sugerimos ao professor que utilize a primeira aula da interpretação para explicar aos alunos que para a última aula, apresentaremos uma exposição literária e que terão as suas produções sendo reveladas. Propomos que dessa vez, os alunos formem quatro equipes. Cada equipe será responsável por uma forma poética.

Sugerimos algumas formas de apresentação, mas é interessante que o professor deixe os alunos livres para escolher como vão apresentar sua categoria, se usando essas sugestões ou outras. Para apresentar os trava-línguas, sugerimos que seja uma brincadeira, uma batalha de recitações de trava-línguas entre os alunos, valendo um prêmio ou uma prenda para quem ganha ou perde. Para as parlendas, sugerimos apresentações de um compilado de parlendas, podendo haver o acompanhamento musical para recitar, ou ser acompanhado por danças ou usando as mãos como é comum em algumas brincadeiras. É interessante que usem versões de diferentes regiões para mostrar como pode haver mudanças regionais na poesia popular. Para os cordeis, sugerimos que os alunos escolham dentre os cordeis produzidos em sala, um deles para ser declamado, a divisão pode ser feita por estrofes para que todos os alunos, ou a maioria participe da declamação. Por último, para as poesias visuais, sugerimos uma amostra visual, imitando uma exposição de quadros, também das produções que os alunos fizeram,

escolham alguns dos produzidos e passem para cartazes, ou mesmo utilizando o computador para a edição.

Após a explicação, os alunos terão um tempo para discutir com a equipe como serão as apresentações, podendo aproveitar o tempo em sala para editarem, ensaiarem e corrigirem suas produções. O professor deve estar disponível para as correções das obras dos alunos e mediar quaisquer questões que surgirem.

9ª aula.

Duração: 50 minutos.

A última aula dessa sequência didática será a culminância da exposição literária, em que os alunos farão as apresentações e das suas obras. É interessante estipular um tempo determinado de 10 minutos por equipe. Assim os dez minutos restantes da aula ficarão para o professor mediar as apresentações. É interessante que a exposição seja aberta para outras turmas participarem, e deixar que os colegas possam contemplar as apresentações e até tenham a oportunidade de fazer parte do momento interagindo com a turma em que a sequência será aplicada.

AVALIAÇÃO

Assim como propõe Cosson, a avaliação do aluno se dará de forma processual, ou seja, levaremos em consideração todo o período em que a sequência foi aplicada. E, além disso, o desenvolvimento que o aluno teve durante esse tempo. Teremos em mente que o intuito dessas aulas é que os alunos aprendas algumas formas poéticas e as percebam a literatura como parte do cotidiano, o intuito é que haja o letramento literário através da poesia infantil.

REFERÊNCIAS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

BIGIO, Mariane. **Lampião**, lá do Sertão! Mari Bigio, Recife, 08 de maio de 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2utqShV>. Acesso em: 15 set. 2023.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE ALFABETIZAÇÃO. **Trava-línguas** (Coleção Conta pra Mim): Brasília: MEC, SEALF, 2019.

CAPPARELLI, Sérgio. **111 Poemas para Crianças**. 19. ed. Porto Alegre: L&PM, 2013.

CAPPARELLI, Sergio. **Tigres no quintal**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2014.

COSSON, Rilson. **Letramentos literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto: 2009.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poesia infantil, apesar de estar presente no cotidiano das pessoas, muitas vezes passa despercebida, isto porque, o texto em prosa ainda impera nas salas de aulas. Enquanto professores, consideramos o hábito da leitura essencial no processo de aprendizagem do aluno, mas muitas vezes, erramos nas escolhas dos textos que levamos para as salas de aula, priorizando os textos canônicos e mesmo nos limitando apenas a textos que obedecem sempre a uma mesma estrutura.

Este trabalho sugere a poesia infantil como objeto primordial para o processo de formação de leitor literário de crianças, trazendo reflexões acerca do gênero e das contribuições que ela pode proporcionar. Para atingir o objetivo principal, utilizamos de três objetivos específicos, primeiro, foi descrever o conceito de infância ao longo dos séculos. Esse ponto é essencial na pesquisa, já que a partir das concepções de infância e no processo de mudança ao longo dos séculos, podem perceber o surgimento e a valorização da literatura para crianças. Depois, discutir as características da poesia infantil e suas contribuições na sala de aula, verificou-se que esse objetivo foi essencial na consolidação dos benefícios que quisemos abordar do estudo da poesia em sala. Por fim, quisemos propôr uma proposta de sequência didática para alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II, que permitiu concluir a relevância da poesia no letramento literário.

Com isso, a hipótese de que a poesia infantil pode ser um gênero que facilitará o processo de formar leitores na infância se confirmou, pois através da sequência didática apresentada, podemos verificar que é possível trabalhar a poesia infantil não como pretexto, mas explorando a diversidade de elementos e ludicidade que o gênero proporciona. Sendo assim, formar leitores na infância é uma questão de utilizar a literatura voltada ao público que se quer alcançar de forma dinâmica.

Em pesquisas futuras, pode-se direcionar a outras formas de poesia infantil e extrair dessas formas, outras características que possam contribuir na formação de leitores, explorar os ciberpoemas e o letramento literário digital. Além disso, pode ser expandido para outras etapas de ensino, uma vez que a poesia, como foi abordado na pesquisa, é um gênero pouco explorado na sala de aula.

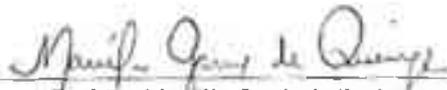
GIOVANNA SAMPAIO FERREIRA

**A POESIA INFANTIL NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: PROPOSTA
DE ATIVIDADES PARA O 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

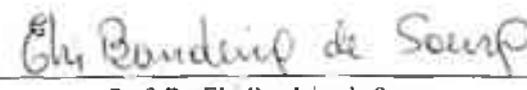
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Letras/Língua
Portuguesa, do Centro de Formação de
Professores, da Universidade Federal de
Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras
- como requisito de avaliação para
obtenção do título de licenciado em
Letras.

Aprovado em: 01 / 12 / 23

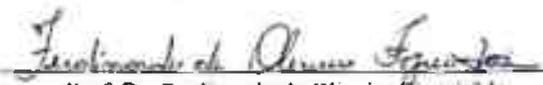
Banca Examinadora:



Prof. Dr. Marcilio Garcia de Queiroga
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)



Prof. Dr. Eln Bandeira de Sousa
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 1)



Prof. Dr. Ferdinando de Oliveira Figueiredo
(UPE - Examinador 2)

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Alexandre. **Poeminhas sensacionais**. Curitiba: Positivo, 2010.
- BIGIO, Mariane. **Lampião**, lá do Sertão!. Mari Bigio, Recife, 08 de maio de 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2utqShV>. Acesso em: 15 set. 2023
- BILAC, Olavo. **Poesias infantis**. Atlântico Press, 2019.
- BORDINI, Maria da Glória. **Poesia infantil**. São Paulo: Ática, 1991.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE ALFABETIZAÇÃO. **Trava-línguas** (Coleção Conta pra Mim): Brasília: MEC, SEALF, 2019.
- BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. ano 1990, Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/91764/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-lei-8069-90> . Acesso em: 20 nov. 2023.
- CADEMARTOTI, Ligia. **O que é literatura infantil**. Tatuapé, SP: Brasiliense, 2010.
- CAPPARELLI, Sérgio. **111 Poemas para Crianças**. 19. ed. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- CAPPARELLI, Sergio. **Tigres no quintal**. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2014.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- COLOMER, Tereza. **Andar entre livros: a leitura literária na escola** . Tradução Laura Sandroni. São Paulo, SP: Global, 2007.
- COSSON, Rilson. **Letramentos literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo, SP: Contexto: 2009.
- CUNHA, LEO *et al.* **Poesia para crianças: conceito, tendências e práticas**. Curitiba: Piá, 2012.
- GREGORIN FILHO, Nicolau. **Literatura Infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo, SP: Melhoramentos, 2009.
- KIRINUS, Glória. **Synthomas de poesia na infância**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- LYRA, Pedro. **Conceito de poesia**. São Paulo: Ática, 1986.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?**. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos: 74).

PERES, Ana Maria Clark. **O infantil na literatura: uma questão de estilo**, 1995. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUBD-9CKHU6>. Acesso em: 10 set. 2023.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande, PB: Bagagem, 2007.

PRADO, Adélia. **Poesia reunida**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Record, 2016.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SORRENTI, Neusa. **A poesia vai à escola: reflexões, comentários e dicas de atividades**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.